



A-069

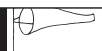
ALTERNATIVA
R. Consolação
Pça. J. Mendes

Arouche e Aurora



A VIDA SEM GRAÇA DE CHARLLYNHO PERUCA

GUSTAVO PIQUEIRA



Copyright © Gustavo Piqueira

Projeto Gráfico

Rex Design

Coordenação Editorial

Editora Biruta

Revisão

Waltair Martão

Capa

Carlos José Gama

1ª edição 2009

Edição em conformidade com o acordo ortográfico da língua portuguesa.

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Piqueira, Gustavo
A vida sem graça de Charlylho Peruca /
Gustavo Piqueira. -- São Paulo : Biruta, 2009.

ISBN 978-85-7848-037-0

1. Ficção - Literatura infantojuvenil
I. Título.

09-12851

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura infantojuvenil 028.5
2. Ficção : Literatura juvenil 028.5

**Todos os direitos desta edição reservados
à Editora Biruta Ltda.**

Rua Coronel José Euzébio, 95
casa 100-5, Higienópolis.
CEP 01239-030 - São Paulo - SP Brasil
Tel.: 11 30815739
Fax: 11 30815741
biruta@editorabiruta.com.br
www.editorabiruta.com.br
<<http://www.editorabiruta.com.br>>

A reprodução de qualquer parte desta obra é ilegal e configura uma apropriação indevida dos direitos intelectuais e patrimoniais do autor.



— Peruca, cadê seu pai?

— Meu pai? Lá no fundo.

— Lá no fundo?

— É, lá no fundo. Guardando os engradados que acabaram de chegar. Eu acho. Não tenho certeza. Ou talvez ele tenha dado uma saída. Disse que precisava passar no Freitas, pegar guardanapos. Ou eram canudos? Um dos dois. Vai ver ele foi primeiro lá no fundo, guardar os refrigerantes e depois passou no Freitas pegar guardanapos e canudos. Ou só guardanapos. Ou...

— Tudo bem, Peruca. Tudo bem. Não precisa continuar. Sento e espero. Givaldo, essa coxinha saiu agora? Dá uma pra mim. Não! Não! Essa não, pelo amor de Deus! Pega a maior, Givaldo. A maior. Essa aqui, ó. A outra parece um croquete, de tão pequena. Tá louco? Agora deu para mutretar freguês antigo? Quero a coxinha maior, rapaz. Essa do canto. Ô Peruca, fala pra ele. Venho aqui há um par de anos. Não vem regular comigo, não. Fala pra ele, Peruca. Que sou freguês antigo do seu pai.

— É, sim. Antigo mesmo. Lembro. Desde que eu tinha oito anos. Ou sete? Porque, com sete, eu ainda estudava lá na Brigadeiro Galvão. Então talvez sejam oito. Mas com nove eu...

— **Tudo bem, Peruca. Tudo bem. Já peguei minha coxinha, vou sentar no canto e esperar pelo seu pai, tá bom? Venha ele dos fundos, do Freitas ou de qualquer outro lugar.**

Charllyinho detestava ser chamado de Peruca. Óbvio. Péssimo apelido. Mas quem escolhe nosso apelido são os outros. Infelizmente. Eu, por exemplo, num carnaval em Mococa, tentei divulgar “Rambo do Ipiranga” como se fosse meu próprio apelido. Na minha cabeça, impressionaria várias garotas. “Oi, tudo bom? Sou o Rambo do Ipiranga. Qual o nome da gatinha?” Triste ilusão. Triste ilusão. Não só não colou, como o maldito do Miltinho decidiu tirar um sarro e saiu espalhando que São Paulo inteira me conhecia por “Barbie da Paulista”. Adivinhe como foi a noite? Exato. Fracasso total. Total. Não, não. Não tem jeito. Quem dá nosso apelido são os outros. O meu, o seu. O do Charllyinho também. Num dia qualquer, sem querer, alguém perguntou se o cabelo dele era peruca. Dali a pouco, outro comentou sobre o “moleque de peruca”. Pronto, o estrago estava feito. Sei que Peruca não é legal, Charllyinho. Muito pelo contrário. Mas repito: ninguém escolhe o próprio apelido. Melhor aceitar. Você é Charllyinho Peruca. Melhor aceitar.

Não que, efetivamente, Charllyinho usasse peruca. Não. Onde já se viu? Um moleque usando peruca? Não. Aquele grande volume encaracolado, subindo num enorme topete, é cabelo mesmo. Sim, acredite. Cabelo. Medonho, não? Medonho.

Por que ele não corta? Escolhe um penteado mais normal? Olha, bem que Charllyinho queria. Um cabelo curto. Comum. Ah, se queria... Mas Rose, sua mãe, trabalha como cabeleireira. No Stilus. Conhece? Não? O Stilus. Aquele salão de beleza na São João. Parede rosa, ao lado da Rudínei Mágicas. É famosa,

a Rudínei Mágicas. Vários mágicos profissionais compram lá. Então. De mês em mês, Charllyinho vai até o Stilus pra que Rose teste, na cabeça do próprio filho, sua mais recente invenção. Pra azar de Charllyinho, a mãe alia um péssimo gosto a muita imaginação. O resultado? De mês em mês, o pobre garoto sai do Stilus com o cabelo mais feio do planeta. E não adianta tentar convencê-la do contrário.

— Mãe...

— O quê?

— Que tal um corte simples hoje? Hein? Básico. Só pra dar uma variada. Hein? Igual ao de todo mundo...

— Ah, não! Não! Você não é “igual a todo mundo”. É meu príncipe. Nada de “básico”. Vai, endireita essa cabeça. Não, mais pra cá. Isso, retinho — e, com o filho em posição, punha mãos à obra até sorrir, orgulhosa, frente ao trabalho concluído.

— Tchã-rã!! E então? Meu príncipe está um arraso!!

Assustado com o próprio visual, Charllyinho mal conseguia responder.

— Ai, meu Deus, mãe. De onde você tirou esse corte de cabelo?

— De uma revista.

— De uma revista? Mas era assim mesmo? Tem certeza? Com o topete deste tamanho?

— Ai, filho. Não lembro exatamente. Mas acho que sim. Eu sou uma artista, meu lindo. Não saio copiando os outros. Vejo o look dos astros de Hollywood e, em cima disso, crio. Artistas criam, não copiam.

— Mas, mãe, nunca vi ninguém com um topete deste tamanho em Hollywood. Só em filme de terror.

— Charllyinho...

— É verdade. Mais um pouco batia no teto... estou parecendo o...

— Vai continuar com besteira? Se nunca viu igual, é porque só você tem, meu lindo. Só você tem. E sabe por quê? Sabe?

— Pra ser avacalhado?

— Não, seu tonto! Por que você é especial, Charllyno. Não é como os outros. Não é qualquer um. É especial — piscava, cúmplice, sacudindo a toalha que cobria o filho.

E lá seguia Charllyno Peruca, três quarteirões Aurora acima, até a esquina com a rua do Arouche, divertir o pessoal da lanchonete com mais um penteado absurdo. No caminho, esforçava-se pra acreditar em sua mãe. “Sou especial”, repetia. “ÚNICO”. Mas, à primeira gargalhada seguida de “Peruca nova, Charllyno?”, desistia. O que, afinal, a mãe queria dizer com aquilo? “Especial.” Charllyno não sabia. Vestia o colete vermelho e sentava desanimado no degrau da frente, esperando Charllão anunciar a próxima entrega.

Charllão, como você deve imaginar, é o pai de Charllyno. Os dois, Charllys. Charllys Carvalho Souza e Charllys Carvalho Souza Junior. Charllyno, claro, é o Junior. Nenhum pai é Junior. A não ser que seja Junior do avô. Mas, nesse caso, o filho tem que ser “Junior-Junior”. Ou “Junior 2”. Não conheço nenhum. Junior-Junior. Você conhece? Também não? Mas deve existir, né? Deve. Afinal, tem de tudo neste mundo. De tudo. Uma tia do Claudinei, que trabalha comigo, se chama Gaveta. É mole? Gaveta. Se é sobrenome? Não, não. É nome. Gaveta. Tia Gaveta. Ora, se existe uma mulher chamada Gaveta, certamente existe alguém de sobrenome Junior-Junior. Certamente. Mas, enfim, não é o caso aqui. Charllys Junior. Só.

Toda tarde, depois da escola, Charllyno batia cartão na lanchonete. Aos sábados e domingos, expediente completo, nove às sete. Inicialmente, sem função específica. “Fica aí olhando e aprende como tocar o comércio”, foram as ordens do pai. Charllão trabalhava lá desde que chegara a São Paulo. Após três anos

no balcão, o antigo dono se meteu num rolo com a ex-mulher e colocou o negócio à venda. Charllão apressou-se na oferta. Metade à vista, metade na parcela. E a antiga “Princesa da Aurora” deu lugar à “Charlly’s Lanches”. Mês seguinte, por conta de um pré-datado, foi àquele atacadão na Casa Verde tirar satisfação com o fornecedor de frango. Entrou furioso, pronto para a porrada. Mas se encantou com a mocinha que ficava no caixa. Esqueceu cheque, frango ou briga e, em pouco tempo, estavam casados. Charllyno nasceu seis anos depois. Hoje, moram no andar de cima. Os três.

Eram quatro. Sim, quatro. Charllyno tem uma irmã, alguns anos mais velha. Thanilly. Mas, véspera de Natal retrasado, após um enorme quebra-pau com os pais, ela saiu de casa. Charllyno nunca mais teve notícias. Até tentou perguntar. Mas, como Charllão fechava a cara e Rose se desfazia em lágrimas, achou melhor não tocar mais no assunto. E, hoje, moram no andar de cima. Só os três.

Eu gosto da Charlly’s Lanches, sabe? Gosto. Gosto, sim. Freqüento. Não direto, mas freqüento. Afinal, tem coisa melhor do que petisquinho e bate-papo no fim do trampo? Não tem, não. Delícia. Mas, para ser sincero, é uma lanchonete como qualquer outra. Mesmo jeitão. Aliás, pensando bem, talvez tenha sido o motivo pelo qual Charllão inventou o XisXarllys. Para se diferenciar da concorrência. Quer minha opinião? Sanduíche horrível. Ora, X-salada com abacaxi? Dá licença... horrível. Não entendo como alguém pode comer hambúrguer com abacaxi. Não entendo. Mas, pelo visto, sou minoria. Assim que a faixa “experimentalmente o sensacional XisXarllys” foi colocada sobre o toldo, muita gente das redondezas começou a ligar pra lanchonete atrás do seu. Charllão achou que daria conta. Bastava mandar um dos dois funcionários, Givaldo e Minhoca, levar os pedidos. Mas o que ficava, invariavelmente, não conseguia dividir a atenção entre

chapa e balcão. Então, cansado de tantos fregueses reclamando e bifés queimando, Charllão mudou de ideia. E “promoveu” o filho a entregador.

Por isso lá está ele. Sentado no degrau da frente. De colete vermelho. Nas costas, “Charlly’s Lanches Sanduíches Porções Almoço Marmitex Fazemos Entregas 3862-5121” bordado em amarelo. Esperando o próximo pacote, o próximo endereço. É mais um dia de sua vida. Mais um dia da vida sem graça de Charllyinho Peruca.





11 DE MARÇO